



CEJA >>

CENTRO DE EDUCAÇÃO
de JOVENS e ADULTOS

CIÊNCIAS HUMANAS

e suas TECNOLOGIAS >>

Filosofia

Fascículo 3
Unidades 5 e 6

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador
Wilson Witzel

Vice-Governador
Claudio Castro

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Secretário de Estado
Leonardo Rodrigues

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Secretário de Estado
Pedro Fernandes

FUNDAÇÃO CECIERJ

Presidente
Gilson Rodrigues

PRODUÇÃO DO MATERIAL CEJA (CECIERJ)

Coordenação Geral de
Design Instrucional

Cristine Costa Barreto

Elaboração

Marco Antonio Casanova

Atividade Extra

Bárbara Sales Castelhana

Carlos Henrique M. Veloso

Revisão de Língua Portuguesa

Paulo Cesar Alves

Coordenação de
Design Instrucional

Flávia Busnardo

Paulo Vasques de Miranda

Design Instrucional

Elaine Perdigão

Heitor Soares de Farias

Rômulo Batista

Marcelo Franco Lustosa

Coordenação de Produção

Fábio Rapello Alencar

Projeto Gráfico e Capa

Andreia Villar

Imagem da Capa e da Abertura das Unidades

Andreia Villar

Diagramação

Alessandra Nogueira

Bianca Lima

Juliana Fernandes

Juliana Vieira

Patrícia Seabra

Ronaldo d' Aguiar Silva

Ilustração

Clara Gomes

Fernando Romeiro

Jefferson Caçador

Sami Souza

Produção Gráfica

Verônica Paranhos

Sumário

Unidade 5 | A presença do belo e o pensamento estético 5

Unidade 6 | Filosofia da arte e arte no mundo transformado 33

Prezado(a) Aluno(a),

Seja bem-vindo a uma nova etapa da sua formação. Estamos aqui para auxiliá-lo numa jornada rumo ao aprendizado e conhecimento.

Você está recebendo o material didático impresso para acompanhamento de seus estudos, contendo as informações necessárias para seu aprendizado e avaliação, exercício de desenvolvimento e fixação dos conteúdos.

Além dele, disponibilizamos também, na sala de disciplina do CEJA Virtual, outros materiais que podem auxiliar na sua aprendizagem.

O CEJA Virtual é o Ambiente virtual de aprendizagem (AVA) do CEJA. É um espaço disponibilizado em um site da internet onde é possível encontrar diversos tipos de materiais como vídeos, animações, textos, listas de exercício, exercícios interativos, simuladores, etc. Além disso, também existem algumas ferramentas de comunicação como chats, fóruns.

Você também pode postar as suas dúvidas nos fóruns de dúvida. Lembre-se que o fórum não é uma ferramenta síncrona, ou seja, seu professor pode não estar online no momento em que você postar seu questionamento, mas assim que possível irá retornar com uma resposta para você.

Para acessar o CEJA Virtual da sua unidade, basta digitar no seu navegador de internet o seguinte endereço:
<http://cejarj.cecierj.edu.br/ava>

Utilize o seu número de matrícula da carteirinha do sistema de controle acadêmico para entrar no ambiente. Basta digitá-lo nos campos "nome de usuário" e "senha".


Feito isso, clique no botão "Acesso". Então, escolha a sala da disciplina que você está estudando. Atenção! Para algumas disciplinas, você precisará verificar o número do fascículo que tem em mãos e acessar a sala correspondente a ele.

Bons estudos!



A presença do belo e o pensa- mento estético

Fascículo 3
Unidade 5



A presença do belo e o pensamento estético

Para início de conversa...

O pensamento filosófico possui vários caminhos de realização. Por que isso acontece? Porque o pensamento filosófico trata fundamentalmente da experiência humana em sua relação com as possibilidades de conhecimento e porque essa experiência é marcada por uma riqueza primordial. Muitas são as formas de relação com as coisas, muitos são os modos de apreensão de diferenças.

Aristóteles, na primeira linha de uma de suas obras mais importantes, chamada *Metafísica*, nos diz algo bem interessante sobre isso. Ele afirma que “todo homem tende por natureza ao saber” e, para explicar o que tem em vista com essa afirmação, prossegue: “É o que nos revela o amor pelas percepções sensíveis. E, dentre elas, mais do que todas, pela visão. Porque a visão é, dentre as percepções sensíveis, aquela que veicula o maior número de diferenças”.

Pensar é de certa forma apreender diferenças, descobrir facetas antes encobertas das coisas e se deixar levar pelo questionamento radical dessas facetas. Na presente unidade, trataremos de uma dessas possibilidades de relação com o que se mostra: a possibilidade estética, ou seja, a possibilidade de pensar uma ligação com as coisas mediada pela noção do belo.

Saiba Mais

O termo “estética” vem diretamente do grego “aisthesis”, que significa algo como percepção sensível, como sensibilidade, como relação sensível com as coisas. Sua relação com a “estética” como um setor da filosofia voltado para a tentativa de pensar o que acontece conosco quando chamamos algo de belo, o que torna uma coisa bela ou o que constitui propriamente o ato criador presente na atividade artística nasce da descrição de nossa relação com a arte como uma relação marcada pelos sentidos.



Figura 1: As três graças – quadro de Rafael Sanzio – 1503-1504.

Objetivos de aprendizagem:

- Reconhecer os elementos constitutivos da reflexão estética;
- acompanhar até que ponto a estética se mostra como um âmbito de reflexão filosófica;
- descobrir as várias possibilidades de determinação do fenômeno estético e a sua ligação com o problema da verdade;
- distinguir algumas posições tradicionais acerca do problema da estética: Platão, Aristóteles, Kant e Nietzsche;
- perceber a diferença entre estética e filosofia da arte, diferença essa que será tratada na próxima unidade.

Seção 1

O surgimento do problema estético: a relação entre arte e verdade em Platão (428/427 – 348/347 a. C.):

“

V – Sócrates – É o que me disponho a fazer, Ion, para explicar-te o que me parece ser a causa do que dizes. O dom de falares com facilidade a respeito de Homero, conforme concluí há pouco, não é efeito de arte, porém resulta de uma força divina que te agita, semelhante à força da pedra que Eurípides denomina magnética (...). Porque essa pedra não somente tem o poder de atrair anéis de ferro, como comunica a todos eles a mesma propriedade, deixando-os capazes de atuar como a própria pedra e de atrair outros anéis, a ponto de, por vezes, formar-se uma cadeia longa de anéis e de pedaços de ferro, pendentes uns dos outros; e todos tiram essa força da pedra. Do mesmo modo, as Musas deixam os homens inspirados, comunicando-se o entusiasmo destes a outras pessoas, que passam a formar cadeias de inspirados. Porque os verdadeiros poetas, os criadores das antigas epopeias, não compuseram seus belos poemas como técnicos, porém como inspirados e possuídos, o mesmo acontecendo com os bons poetas líricos. Iguais nesse particular aos coribantes, que só dançam quando estão fora do juízo, do mesmo modo os poetas líricos ficam fora de si próprios ao comporem seus poemas; quando saturados de harmonia e de ritmo, mostram-se tomados de furor igual ao das bacantes, que só no estado de embriaguez característica colhem dos rios leite e mel, deixando de fazê-lo quando recuperam o juízo. O mesmo se dá com a alma do poeta lírico, como eles próprios o relatam. Dizem-nos os poetas, justamente, que é de certas fontes de mel dos jardins e dos bosques das Musas que eles nos trazem suas canções, tal como as abelhas, adejando daqui para ali do mesmo modo que elas. E só dizem a verdade. Porque o poeta é um ser alado e sagrado, todo leveza, e somente capaz de compor quando saturado do deus e fora do juízo, e no ponto, até, em que perde todo o senso. Enquanto não atinge esse estado, qualquer pessoa é incapaz de compor versos ou vaticinar. Porque não é por meio da arte que dizem tantas e tão belas coisas sobre determinados assuntos, como se dá contigo em relação a Homero [...]

(Platão, Ion, 533d-534e).

”

Coribantes

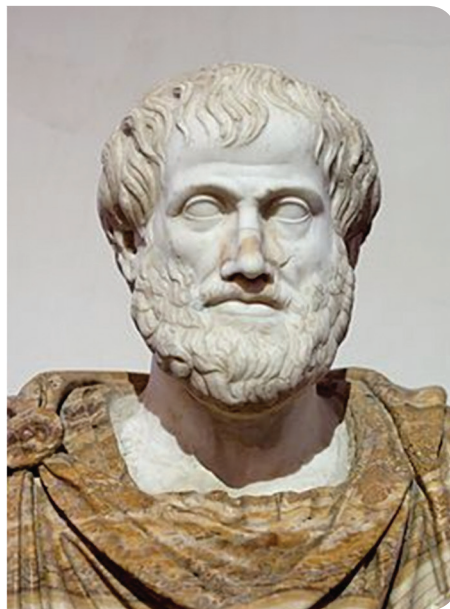
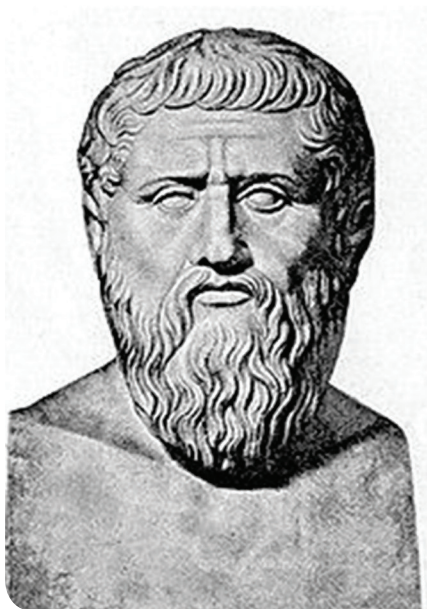
Coribantes são personagens mitológicos que, no serviço ao divino, dançavam ao som de flautas e outros instrumentos.

A passagem do texto de Platão contrapõe claramente o modo de criar dos poetas e dos artistas em geral ao modo de criar dos artesãos. Um artista fala, pinta ou compõe por inspiração, deixando-se tomar pelo divino, enquanto um artesão constrói suas obras por meio de seu conhecimento técnico, de seu know-how.

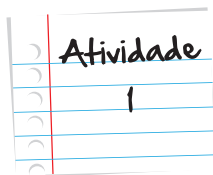
Isso não é muito diferente do que pensamos cotidianamente. Artistas nos espantam e nos enchem de admiração, exatamente porque não conseguimos entender a princípio como eles puderam dar voz às suas obras.

Todavia, não é isso apenas que Platão está nos dizendo. Como os artistas são, segundo ele, inspirados pelo divino, eles não têm acesso à verdade divina que eles expressam. Isso é uma outra forma de dizer que é tarefa do in-

térprete não artístico, daquele que não se encontra tomado pelo entusiasmo criador, perguntar sobre a verdade das obras de arte. Eis aqui o ponto de ligação entre arte e verdade. A arte tem uma ligação com a verdade, que precisa ser descoberta no interior da interpretação da obra de arte. Vamos ver como isso funciona?



Figuras 2 e 3: Esculturas de Platão e Aristóteles.



Descobrimos a verdade contida nas obras de arte:

Partindo de algumas obras, explicita o conteúdo de verdade que há nelas. Siga o exemplo.

“

Quis saber o que é o desejo, de onde ele vem, fui até o centro da terra e é mais além. Procurei uma saída, o amor não tem. Estava ficando louco, louco de querer bem”.

(Trecho da música Tanta saudade, de Djavan.)

”

A música fala sobre a inesgotabilidade do desejo, sobre a impossibilidade de encontrar medidas definidas para o amor. Assim, quanto mais queremos algo ou alguém, mais corremos o risco de perdermos a razão e nos aproximarmos da loucura.

1. “

A lembrança é o único paraíso do qual nunca poderemos ser expulsos.” (Poema – Jean Paul.)

”

2. “

Uma lata existe para conter algo. Mas quando o poeta diz: ‘Lata’, pode estar querendo dizer o incontível./ Uma meta existe para ser um alvo. Mas quando o poeta diz: ‘Meta’, pode estar querendo dizer o inatingível.

(Trecho da música Metáfora de Gilberto Gil.)

”

3. “

Somos muitos Severinos iguais em tudo na vida: na mesma cabeça grande que a custo é que se equilibra, no mesmo ventre crescido sobre as mesmas pernas finas e iguais também porque o sangue, que usamos tem pouca tinta./ E se somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte severina: que é a morte de que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte, de fome um pouco por dia (de fraqueza e de doença é que a morte severina ataca em qualquer idade, e até gente não nascida).”

(Trecho de Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto.)

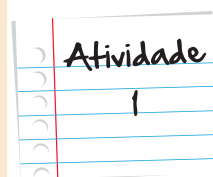
”

4. “

Poemas são como vitrais pintados! Se olharmos da praça para a igreja, Tudo é escuro e sombrio; E é assim que o Senhor Burguês os vê. Ficaré agastado? — Que lhe preste!... E agastado fique toda a vida! Mas — vamos! — vinde vós cá para dentro, Saudai a sagrada capela! De repente tudo é claro de cores: Súbito brilham histórias e ornatos; Sente-se um presságio neste esplendor nobre; Isto, sim, que é pra vós, filhos de Deus! Edificai-vos, regalai os olhos!” (Poema de Johann Wolfgang von Goethe.)

”

Anote suas
respostas em
seu caderno



Seção 2

Aristóteles (384 a 322 a. C.) e a potência estética – O lugar da arte na existência humana

A arte, contudo, não precisa ser necessariamente pensada em sua ligação direta com o problema da verdade, ela não precisa ser considerada como uma forma intuitiva, imediata e não refletida de dizer como as coisas são. Ao contrário, ela pode ser descrita nela mesma, segundo as suas características e as suas formas, o seu lugar na existência humana e a sua importância para cada um de nós. Foi isso, aliás, que fez um outro filósofo, discípulo de Platão, chamado Aristóteles.

Seguindo uma posição antes defendida por seu mestre, Aristóteles procura pensar de maneira ainda mais radical a arte como “imitação”, como repetição de certas estruturas presentes na vida. No entanto, precisamos tomar um pouco de cuidado com essa definição. Ao escutarmos a afirmação de que a arte é “imitação”, poderíamos pensar que o artista simplesmente copiaria situações presentes na vida comum. Todavia, não é difícil perceber como essa conclusão é precipitada. Vejamos um quadro de uma situação que nos é bem conhecida:



Figura : Bandeira Branca e Verde.

Esse é um dos muitos quadros do pintor ítalo-brasileiro Alfredo Volpi em torno de pequenas bandeirinhas. A cena é facilmente reconhecível. Volpi nos remete a antigas festas de São João, a arraiais imaginários de nossa infância, a cenas que povoam as nossas lembranças mais antigas. Com isso, ele imita algo que tem lugar na realidade. Como é, porém, que ele faz isso? Não há nenhuma menção a uma festa junina em específico, nem tampouco podemos ter certeza de que as bandeiras são de festas de São João. Poderíamos muito bem pensar em momentos de Copa do Mundo, nos quais as cidades ficam todas enfeitadas de bandeiras.

Não importa. Por mais que não consigamos dizer exatamente que festa é essa pintada por Volpi, sua pintura nos evoca uma experiência humana, uma vivência de nossos tempos de criança. Há, assim, não uma relação direta com uma realidade desde o princípio dada, mas, antes, uma ligação com uma experiência possível, que é capaz de

despertar em cada um de nós sentimentos diversos. Bem, mas é exatamente isso que nos diz Aristóteles sobre a diferença entre poesia (arte em geral) e história:

“

Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa (...) – diferem, sim, na medida em que um diz as coisas que sucederam, e o outro as coisas que poderiam suceder. Por isso, a poesia é mais filosófica e mais séria do que a história, pois a poesia se refere principalmente ao universal, enquanto a história se refere ao particular.

(Aristóteles, Poética, 1451b.)

”

O que Aristóteles afirma parece a princípio incoerente. No entanto, se pensarmos bem, seremos obrigados a dar razão a Aristóteles. Quem nunca viu um filme bem ruim, que começa com a seguinte afirmação: “Esse filme se baseia em fatos reais”. A realidade muitas vezes não nos ensina nada, não nos toca o coração e pode mesmo ser bastante incongruente. A ficção não, pois ela fala não do que efetivamente aconteceu, mas do que pode acontecer. Ou seja, ela dá voz à possibilidade em sua lógica interna.

É por isso que um clássico da literatura, um filme excepcional, um quadro ou uma música não são a simples expressão da vontade do autor, mas revelam, antes, uma obediência à vida das personagens. Não deve ter sido fácil para Chico Buarque, por exemplo, compor a situação dramática de uma mulher sendo abandonada em “Atrás da porta”. Ou será que é simples sentir algo como o que ele diz na seguinte estrofe: “Quando olhaste bem nos olhos meus/E o teu olhar era de adeus/Juro que não acreditei/Eu te estranhei, me debrucei/Sobre o teu corpo e duvidei/E me arrastei, e te arranhei/E me agarrei nos teus cabelos/Nos teus pelos, teu pijama/Nos teus pés, ao pé da cama.”

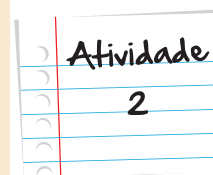
A partir do que vimos acima, escreva um comentário sobre a seguinte frase do escritor francês André Gide:

“

Com os bons sentimentos sempre se fez a má literatura.

”

Anote suas
respostas em
seu caderno





Saiba Mais

Aristóteles, nascido na cidade macedônia de Estagira. Sua obra possui uma amplitude talvez nunca igualada. Aristóteles escreveu sobre ética, política, filosofia da natureza, estética, retórica, lógica, conhecimento, entre muitos outros temas. Além disso, ele foi preceptor do grande gênio militar Alexandre, o Grande, um dos homens a construir um dos maiores impérios até hoje vistos, unificando a Europa e a África do Norte. Veja como nos conta Caetano Veloso a relação entre Alexandre e Aristóteles em um trecho de sua música “Alexandre”.

“Alexandre, de Olímpia e Felipe o menino nasceu, mas ele aprendeu que seu pai foi um raio que veio do céu./ Ele escolheu seu cavalo por parecer indomável/E pôs-lhe o nome Bucéfalo, ao dominá-lo/ Para júbilo, espanto e escândalo do seu próprio pai/Que contratou para seu preceptor um sábio de Estagira/Cuja cabeça sustenta ainda hoje o Ocidente/O nome Aristóteles – nome Aristóteles – se repetiria/Desde esses tempos até nossos tempos e além./Ele ensinou o jovem Alexandre a sentir filosofia/ Pra que mais que forte e valente chegasse ele a ser sábio também.”(Caetano Veloso, trecho da música Alexandre.)

Seção 3

A descoberta da experiência estética subjetiva: Kant e a tentativa de pensar o que acontece em nós diante da arte bela e arte sublime

Nós vimos como Platão e Aristóteles trataram, respectivamente, a experiência estética simplesmente a partir da relação da obra de arte com a verdade e com as possibilidades de descrever experiências humanas possíveis. Nos dois casos, o que estava em questão não era tanto o que acontece com o homem diante da obra de arte, mas o que acontece na obra de arte.

As coisas mudam radicalmente no momento em que mudamos o acento característico da experiência estética, quando não pensamos tanto na obra, mas no sujeito diante da obra. Essa mudança encerra em si, por outro lado, mais um capítulo no interior da história das ideias estéticas, um capítulo representado, antes de tudo, pelo filósofo alemão Immanuel Kant.

A grande transformação pela qual passa a estética por meio de Kant pode ser descrita, sobretudo, em função da alteração do foco. Como costuma acontecer em geral com filosofia, aqui também é o modo como se estabelecem as perguntas que determinam o tipo de resposta que iremos encontrar. Kant não pergunta mais em que medida uma obra de arte pode nos comunicar a verdade. Ele não parte mais da ideia de inspiração divina, nem tampouco da ideia

de que a arte tem um compromisso com as coisas pensadas em sua dimensão possível. Ao contrário, ele pergunta o seguinte: o que acontece com o homem quando ele se encontra diante de uma obra e diz que ela é uma obra bela? Mais ainda, o que acontece quando ele se vê tomado por uma experiência sublime? Com isso, surgem as definições kantianas dessas duas noções que passam a ser decisivas para toda e qualquer experiência estética posterior.

Belo, para Kant, é “prazer sem conceito”, é “visão desinteressada do objeto”, é “aquilo que aumenta o meu sentimento de vida” e “que conta com a anuência de todos os homens”. Essas quatro definições parecem muito complexas, mas falam de uma experiência bem cotidiana com o belo em geral. Em que medida?

1. Quando consideramos algo belo, não o consideramos belo por razão alguma: algo não é belo, porque nos aprimora em termos morais, porque nos instrui, porque nos torna mais espertos etc. Quando algo é julgado belo por nós, é a sua simples presença que nos fala ao coração. É por isso que nos sentimos tomados por uma proximidade imediata das coisas, quando as consideramos belas.
2. Se o belo não pode ser belo por obediência a nenhum conceito ou finalidade prévia, então não há nenhum interesse que nos desvie o olhar ou os outros sentidos em geral do que se apresenta para nós. Estar diante de algo belo é estar tomado exclusivamente pelo interesse da obra. É claro que alguém pode comprar uma obra de arte por seu valor comercial. Quando ele faz isso, porém, ele perde a experiência do belo.
3. Belo é aquilo que aumenta o nosso sentimento de vida, exatamente porque belo é aquilo que nos deixa mais intensamente presentes junto a alguma coisa. Cotidianamente, deixamos muitas vezes as coisas passarem por nós sem que lhes prestemos muita atenção. Vivemos, com isso, sem grande intensidade. Isso não é possível diante do fenômeno do belo. O fenômeno do belo nos impede um modo mediano de estar presente. Pensemos no entusiasmo com a música! Na alegria diante de um bom filme!
4. Por fim, o belo é o que conta com a anuência de todos os homens, porque, ao nos colocarmos diante de algo belo, descobrimos imediatamente a possibilidade de comunicar essa experiência aos outros. É difícil sair de um bom filme ou de uma boa peça de teatro, por exemplo, sem pensar em ligar para alguém, em falar imediatamente com ele, em compartilhar com a pessoa que está ao nosso lado o nosso entusiasmo. O belo, portanto, une os homens e torna possível para eles descobrirem a sua humanidade comum.

Ora, mas o que dizer do sublime? Sublime, para Kant, é aquilo que confronta a nossa razão com algo de dimensões enormes, muito maiores do que o nosso poder de compreensão.

Será que você consegue trabalhar agora com essas duas categorias estéticas kantianas?

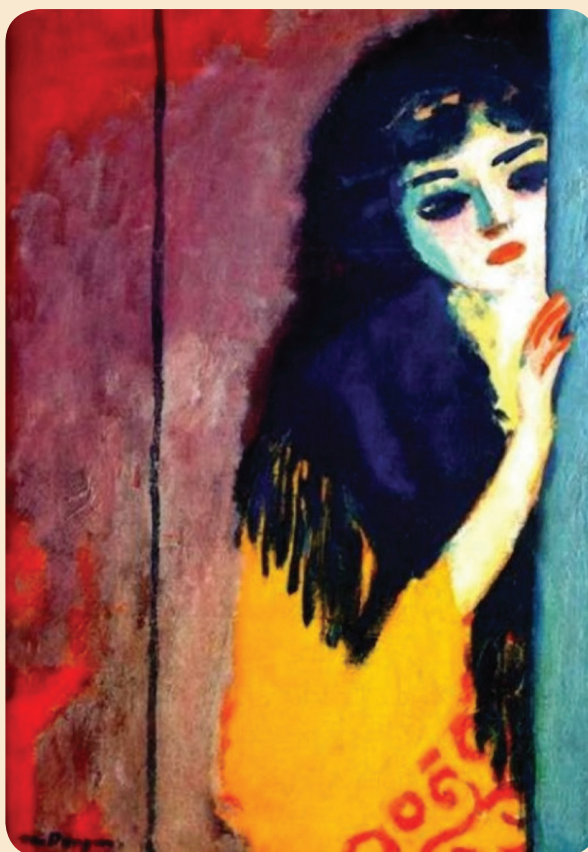
Atividade
3

Identifique as imagens e os textos a seguir quanto ao seu caráter belo ou sublime e procure justificar a resposta:



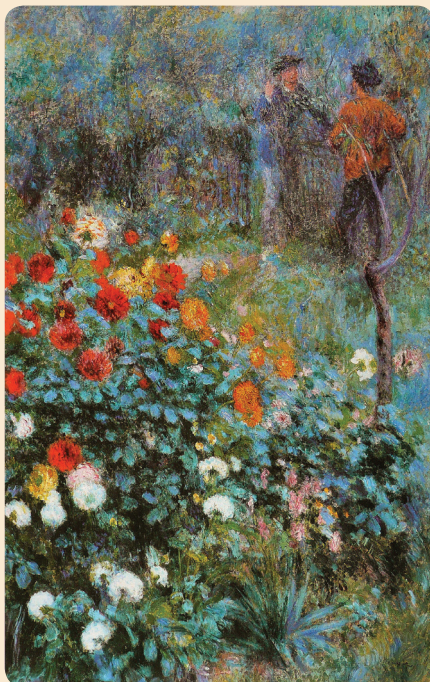
1.

Fonte: Quadro do pintor romântico alemão Kaspar David Friedrich: O monge na praia.



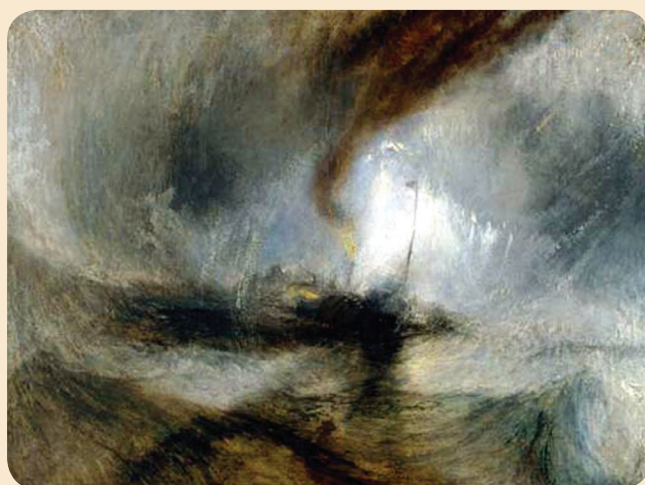
Fonte: Quadro do pintor impressionista holandês Kees van Dongen – A cigana.

2.



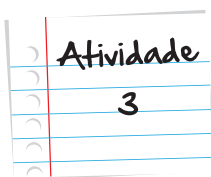
Fonte: Quadro do pintor impressionista francês Pierre Auguste Renoir – O jardim na rua Cortot.

3.



Fonte: Quadro do pintor inglês William Turner – A tempestade.

4. "Ao ser engolido pela amplitude infinita dos espaços dos quais nada sei e que ao mesmo tempo não sabem nada de mim, eu tremo." (Blaise Pascal – Pensamentos.)
5. "Algum lugar em que eu nunca estive, alegremente além" (E. E. Cummings – Tradução de Augusto de Campos):



“

Nalgum lugar em que eu nunca estive, alegremente além
de qualquer experiência, teus olhos têm o seu silêncio:
no teu gesto mais frágil há coisas que me encerram,
ou que eu não ousa tocar porque estão demasiado perto
teu mais ligeiro olhar facilmente me descerra
embora eu tenha me fechado como dedos, nalgum lugar
me abres sempre pétala por pétala como a Primavera abre
(tocando sutilmente, misteriosamente) a sua primeira rosa
ou se quiseses me ver fechado, eu e
minha vida nos fecharemos belamente, de repente,
assim como o coração desta flor imagina
a neve cuidadosamente descendo em toda a parte;
nada que eu possa perceber neste universo iguala
o poder de tua imensa fragilidade: cuja textura
compele-me com a cor de seus continentes,
restituindo a morte e o sempre cada vez que respira
(não sei dizer o que há em ti que fecha
e abre; só uma parte de mim compreende que a
voz dos teus olhos é mais profunda que todas as rosas)
ninguém, nem mesmo a chuva, tem mãos tão pequenas quanto as tuas.

”

Anote suas
respostas em
seu caderno

Immanuel Kant (1724-1804) é um dos principais pensadores alemães da época do Esclarecimento. Decisivo por sua tentativa de pensar os limites do conhecimento racional e por estabelecer em que bases seria possível um conhecimento rigoroso de objetos, Kant alterou substancialmente o modo de se pensar a filosofia e a própria dinâmica de realização do filosofar. Suas obras capitais dividem-se nos três âmbitos fundamentais da filosofia: A crítica da razão pura (teoria do conhecimento), A crítica da razão prática (ética) e A crítica da faculdade de julgar (estética).



Saiba Mais

Seção 4

Arte como chave para a compreensão da vida: a arte e o seu papel na determinação do modo de ser de todas as coisas Nietzsche e a metafísica de artista

“

Temos a arte, para que não pereçamos sob o peso da realidade

(F. Nietzsche).

”

Ainda há, porém, uma outra possibilidade de tratar do fenômeno estético. Essa possibilidade foi considerada pela primeira vez pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900).

Nietzsche não procura pensar nem o belo em particular como algo que caracteriza um certo conjunto de obras de arte, nem o fenômeno estético em geral como algo que acontece no interior daquele que é tocado pela obra de arte. Ele critica tanto uma estética objetivista quanto uma estética subjetivista. Para Nietzsche, o decisivo é antes pensar o que se dá no interior do próprio processo criador. Ele mesmo nos diz isso em uma pequena passagem de um “Ensaio de autocrítica” que ele escreveu para o seu livro inaugural: O nascimento da tragédia ou Helenismo e pessimismo (1869).

“

A tarefa de que esse livro temerário ousou pela primeira vez se aproximar foi – ver a ciência com a ótica do artista, mas a arte, com a da vida...

”

Arte e vida. Esses são os dois termos centrais da perspectiva estética nietzschiana. Pensar a arte como desempenhando um papel central para a compreensão do modo de ser da vida, ou melhor, ver a arte como concreção exemplar do que caracteriza em essência a vida. Como a arte faz isso, porém, para Nietzsche?

A partir da percepção da presença de dois elementos que se encontram acentuadamente na arte, mas que dizem respeito a toda e qualquer forma de vida em geral: o que Nietzsche denomina por meio da menção a dois deuses gregos, Apolo e Dioniso, que dão voz em si mesmos à tensão entre identidade e destruição da identidade, ser e vir-a-ser, aparência e destruição da aparência, limite e ilimitação, determinação e indeterminação. Mas em que medida esses dois elementos estão presentes em toda e qualquer forma de vida?

Consideremos um texto do próprio Nietzsche sobre a junção desses dois princípios a partir da imagem da criança em sua proximidade com a figura do artista:

”

“

(...) um vir-a-ser e perecer, um construir e destruir, sem nenhuma prestação de contas de ordem moral, só tem neste mundo o jogo do artista e da criança. E assim como joga a criança e o artista, joga o fogo eternamente vivo, constrói em inocência – esse jogo joga o instante eterno consigo mesmo. Transformando-se em água e terra, faz, como uma criança, montes de areia à borda do mar, faz e dismantela: de tempo em tempo começa o jogo de novo. Um instante de saciedade: depois a necessidade o assalta de novo, chama à vida outros mundos. Às vezes, a criança atira fora seu brinquedo: mas logo recomeça, em humor inocente

(NIETZSCHE, 2009).

”

O que importa nessa passagem é justamente a relação entre a criança e o artista. Da mesma forma que a criança, o artista também é marcado pelo jogo de construção, destruição e reconstrução. O que temos aqui não é simplesmente a feitura de uma obra e o contentamento absoluto com essa obra. Ao contrário, no momento mesmo em que termina um trabalho, o artista se vê diante da necessidade de abandonar o que foi feito e se lançar em direção a um novo fazer. Renovação, por isso, é o sobrenome da arte. Carlos Drummond de Andrade disse certa vez que o pior plágio é o plágio de si mesmo: copiar a si mesmo, não conseguir mais se renovar, transformar a arte em uma fórmula é a miséria da arte.

Ora, mas não é apenas a arte que é assim. A vida também segue o mesmo caminho. Na vida, tudo depende da nossa capacidade de descobrir como ligar com maestria os diversos elementos que nos cercam e de encontrar nos momentos de sucessos uma forma de ir além, de não ficar preso no que um dia funcionou, mas passou. Nesse contexto, os deuses gregos Apolo e Dioniso são exemplares. Apolo é o deus da plena realização da identidade, o deus dos processos de surgimento da bela aparência. Como o deus que carrega o arco e cuja flecha é tão precisa que fere e cura, ele descreve a possibilidade de a existência se realizar em sintonia com tal precisão, alcançando a solução do enigma que ela é, o enigma de quem realmente somos. Dioniso, por sua vez, como o deus do vinho e da embriaguez, aponta para a imensidão da vida para além de toda identidade. Não importa o quão plenamente uma obra ou uma existência se mostrem: a vida sempre destrói o feito, abrindo o espaço para novas possibilidades de fazer. É isso que, para Nietzsche, a arte nos ensina.

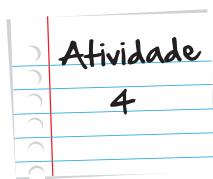
E mais ainda. Como a destruição das formas abre o espaço para o surgimento de formas ainda mais belas, de formas móveis, animadas, a arte ensina a redenção eterna da existência, a superação de toda visão negativa da vida.



Apolo de Belvedere/ séc. 2 d. C.)



(Dioniso – Caravaggio – 1595)



A partir do que vimos, escreva verdadeiro ou falso nas sentenças:

1. Para Nietzsche, a arte não revela nada sobre a vida. ()
2. A arte é vista aqui como elemento chave para entender o que está em jogo do existir. ()
3. Na arte, ganha voz a tensão entre criar e destruir. ()
4. O grande problema da vida é não conseguir manter sempre os mesmos modos de ser. ()
5. Apolo é o deus da identidade, e Dioniso, o deus da renovação. ()
6. É preciso aprender a deixar as coisas passarem, para poder reencontrar o prazer da criação. ()
7. A arte justifica a vida. ()

Anote suas
respostas em
seu caderno

Resumo

A presente lição esteve voltada, antes de tudo, para a apresentação de quatro modos tradicionais de pensar o fenômeno estético. Vamos à nossa síntese geral!

1. Em primeiro lugar, partimos da tentativa platônica de pensar a relação entre arte e verdade, assim como os problemas da arte como inspiração divina.
2. Em seguida, partimos para a consideração da posição de Aristóteles, que vê na arte antes uma potência humana. Para ele, a arte tem o potencial de concretizar experiências humanas, justamente na medida em que ela não se atém à casualidade dos acontecimentos medianos da vida, mas pensa a vida a partir do poder-ser.
3. Esse segundo momento preparou a passagem para o mundo moderno e para a visão kantiana da arte bela e da arte sublime como descrevendo experiências que se dão no interior do sujeito que julga a obra de arte.

4. Por fim, tratamos da compreensão nietzschiana da arte como chave para pensar a vida, algo que será ainda mais desdobrado na próxima unidade, que tratará sobre a “filosofia da arte”.

Vamos em frente!

Veja ainda:

Como essa unidade 7 tratou da experiência estética a partir de quatro compreensões diversas, mas como essas quatro compreensões tratam do caráter revelador da arte, nada mais justo do que indicar livros e filmes onde esse caráter esteja em questão. Aqui seguem algumas dicas de leitura e de cinema. Não perca a oportunidade de ir além:

- LISPECTOR, Clarice. A paixão segundo GH. São Paulo: Rocco, 2008.
- GOMBRICH, Ernest. A história da arte. São Paulo: LTC, 2000.
- Filme: Viver. Com Takashi Shimura, direção de Akira Kurosawa, 1952.
- Filme: Pulp Fiction. Com John Travolta, Bruce Willis e Uma Thurman. Direção de Quentin Tarantino, 1994.

Referências

- ARISTÓTELES. Poética. São Paulo: Ars Poética, 1988.
- GOMBRICH, E. História da arte. São Paulo: LTC, 2000.
- KANT, Immanuel. Crítica da faculdade de julgar. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- NIETZSCHE, F. O nascimento da tragédia: Helenismo e Pessimismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- NIETZSCHE, F. A filosofia na época trágica dos gregos. Ed. Edições 70. Edição 2009.
- PLATÃO. Íon. Belém: Editora Universidade do Pará, 2011.

Imagens



- Acervo pessoal • Andreia Villar



- http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Raffael_010.jpg



- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Platon-2.jpg>



- http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Aristotle_Altemps_Inv8575.jpg?uselang=es



- <http://www.brasil.gov.br/galeriadearte/banco-central-brasilia-df/bandeira-branca-e-verde>



- http://en.wikipedia.org/wiki/File:Caspar_David_Friedrich_029.jpg



- <http://www.flickr.com/photos/centralasian/5382571684/sizes/m/in/photostream/>



- http://fr.wikipedia.org/wiki/Fichier:Pierre-Auguste_Renoir_-_Jardin_de_la_rue_Cortot.jpg



- <http://www.flickr.com/photos/mjomc/5023808773/>



- http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Belvedere_Apollo_Pio-Clementino_Inv1015.jpg



- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Bacco.jpg>



- <http://www.sxc.hu/photo/517386> • David Hartman.



- http://www.sxc.hu/985516_96035528.



- <http://www.sxc.hu/browse.phtml?f=download&id=1024076> • Michal Zacharzewski.

Atividade 1

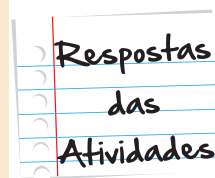
1. No poema de Jean Paul, o que vem à tona é a capacidade da memória de reter tudo aquilo que tende a desaparecer. Por mais que a morte se abata sobre nós, por mais que o tempo passe, por mais que seja duvidoso o acesso a algo assim como o reino de Deus, sempre permaneceremos ou ao menos podemos permanecer na memória dos homens.
2. Gilberto Gil revela em que medida as palavras podem ganhar significados extraordinários no interior da poesia. Ao mesmo tempo, ao revelar tal possibilidade, ele nos lembra que as palavras são mais ricas do que a princípio pensamos.
3. Falando do que há de igual a tantos Severinos e acentuando a morte que todos têm como a mesma, João Cabral consegue nos colocar imediatamente em contato com a dura realidade do homem pobre do Nordeste, que se vê desde o princípio exposto a uma série enorme de violências.
4. No texto de Goethe, o que está em jogo é a riqueza da poesia e a necessidade de superar a tendência de se relacionar com ela de maneira superficial. Como ele mesmo diz, é preciso se aproximar dela para descobrir o que ela traz consigo.

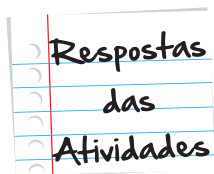
Atividade 2:

A resposta depende da compreensão do estudante. Não há uma única resposta.

Atividade 3

1. Arte sublime – Temos aqui claramente o contraste enorme entre a força da natureza na praia e a pequenez do monge na beira do mar.
2. Arte bela – O quadro de Kees van Dongen nos comove pela singeleza das cores, pelo olhar algo melancólico da cigana que vê seu amor indo embora.
3. Arte bela – A relação de Renoir com a natureza acentua antes a harmonia das cores do que a violência desafiadora que confronta a razão com os seus limites.





4. Arte sublime – O quadro de Turner mostra a impotência do navio em meio à violência da tempestade. Ao mesmo tempo, o quadro parece juntar mar e céu contra o homem, o que acirra ainda mais a tensão.
5. Arte sublime – O texto de Pascal comenta a sensação aterradora do homem moderno diante de um universo silencioso e indiferente para todas as dores humanas.
6. Arte bela – O poema de E. E. Cummings nos comove ao falar sobre o poder da ternura da amada e a sua capacidade de abrir caminhos para a realização do amor.

Atividade 4:

1) F; 2) V; 3) V; 4) F; 5) V; 6) V; 7) V.



O que perguntam por aí:

Vestibular de Inverno UEM/CVU – 2011!

“A palavra arte vem do latim *ars* e corresponde ao termo grego *tekhnē*, ‘técnica’, significando toda atividade humana submetida a regras, tendo em vista a fabricação de alguma coisa que será acrescentada à natureza. Sobre o conceito de arte, assinale o que for correto.”

01) Inicialmente ligada às atividades manuais dos artífices, a arte, no período clássico, era um saber prático dotado de regras para a produção de um objeto artificial.

02) A partir do conceito de juízo de gosto, amplamente estudado por Immanuel Kant, a experiência artística visa ao ponto de vista do sujeito (espectador, ouvinte, leitor), que avalia o objeto belo.

03) Para Maurice Merleau-Ponty, a arte funda uma tradição apoiada sobre outra tradição: a percepção, responsável pelos nossos hábitos e, ao mesmo tempo, abertura para o mundo.

04) É particular à arte, em relação a outros tipos de atividades humanas, o fato de não transformar ou transfigurar a realidade existente, ou seja, é neutra em face ao mundo.

05) As artes mecânicas, nos séculos XVII e XVIII, intensificaram a relação entre o artista e o sagrado, razão pela qual as vanguardas modernas retornam às manifestações religiosas do divino, pois é seu papel a preservação dos mitos.

A resposta correta é, como vimos na presente unidade, a número 2.



Até
breve!



Atividade extra

Questão 1

Em sua teoria da ideias, Platão divide a realidade em dois universos distintos: o inteligível e o sensível. O primeiro é constituído pelas formas puras, as essências e o fundamento da existência dos seres do segundo. Assim, tanto os seres da natureza quanto os homens são cópias sensíveis de modelos originais inteligíveis. A partir desta teoria Platão faz uma crítica à arte.

Pesquise sobre o assunto e apresente o argumento central da crítica de Platão à arte?

Questão 2

Na estética de Platão e Aristóteles o que estava em questão era a obra de arte. Há, na modernidade, uma mudança de perspectiva, principalmente nas obras de Kant. O que passa a ser o objeto de reflexão do filósofo?

Questão 3

A palavra “feio” é definida como algo de “aspecto desagradável”. Que relação podemos estabelecer entre esta definição e a perspectiva estética de Kant?

Leia o texto a seguir e responda a questão 4 e 5.

A águia e a coruja

(Esopo)

Coruja e águia, depois de muita briga, resolveram fazer as pazes.

- Basta de guerra - disse a coruja. O mundo é tão grande, e tolíce maior que o mundo é andarmos a comer os filhotes uma da outra.

- Perfeitamente - respondeu a águia. - Também eu não quero outra coisa.

- Nesse caso combinemos isso: de agora em diante não comerás nunca os meus filhotes.

- Muito bem. Mas como vou distinguir os teus filhotes?

- Coisa fácil. Sempre que encontrares uns filhotes lindos, bem feitinhos de corpo, alegres, cheio de uma graça especial que não existe em filhote de nenhuma outra ave, já sabes, são os meus.

- Está feito! - concluiu a águia.

Dias depois, andando à caça, a águia encontrou um ninho com três monstrenhos dentro, que piavam de bico muito aberto.

- Horríveis bichos! - disse ela. Vê-se logo que não são os filhos da coruja.

E comeu-os.

Mas eram os filhos da coruja. Ao regressar à toca a triste mãe chorou amargamente o desastre e foi justar contas com a rainha das aves.

- Quê? - disse esta, admirada. Eram teus filhos aqueles monstrenhos? Pois, olha, não se pareciam nada com o retrato que deles me fizeste...

Questão 4

A fábula apresenta o belo como algo que depende da perspectiva de quem julga. O que a coruja achou belo foi chamado de “monstrenhos” pela águia. Na sua opinião que crítica seria feita pelo filósofo Nietzsche a esta concepção?

Questão 5

A fábula citada tem como moral o ditado popular “Quem ama o feio, bonito lhe parece”. Explique porque podemos afirmar que esta “moral da história” carrega em si um conceito pré-concebido.

Gabarito

Questão 1

Para Platão o mundo sensível (a natureza e os homens) é uma cópia do real. Pensando assim, Platão entende que a arte seria uma cópia da cópia, afastando-se mais ainda da do mundo inteligível. A imitação da cópia é o que Platão chama de Simulacro, que introduz uma desmedida maior do que a própria existência do mundo natural. Por isso Platão rejeita a arte em seu estado ideal, querendo, com isso, substituir a Poesia pela Filosofia.

Questão 2

A grande transformação pela qual passa a estética por meio de Kant pode ser descrita, sobretudo, em função da alteração do foco. Não é mais a obra de arte o interesse de Kant. Sua questão é saber o que acontece com o homem quando ele se encontra diante de uma obra e diz que ela é uma obra bela. Mais ainda, o que acontece quando ele se vê tomado por uma experiência sublime. Enfim, o interesse de Kant é a experiência estética e não mais a obra de arte.

Questão 3

Segundo Kant, quando algo é julgado belo por nós sua simples presença nos fala ao coração e nos sentimos atraídos. Sua presença nos é agradável. Assim, se, ao contrário, julgamos algo feio este algo nos aparece como desagradável, e, segundo a teoria estética de Kant, esta sensação nos afastará.

Questão 4

Resposta pessoal, mas que deve considerar a postura estética de Nietzsche que critica tanto a estética objetivista clássica quanto a estética subjetivista de Kant.

Questão 5

Namoral da história o feio aparece como algo absoluto, existente em si mesmo. É feio. Se alguém gosta do que é feio, este lhe aparece como bonito, mas, em verdade, em essência é feio. Esta forma de pensar é carregada do pré-conceito de que as coisas são belas ou feias em si mesmas.



Filosofia da arte e arte no mundo transformado

Fascículo 3
Unidade 6



Filosofia da arte e arte no mundo transformado

Para início de conversa

Tivemos a oportunidade de acompanhar, na unidade anterior, o surgimento e o desenvolvimento histórico do pensamento estético em quatro importantes momentos. Ou seja, percorremos os caminhos das reflexões tradicionais sobre o lugar da arte em nossas possibilidades de compreensão do modo de ser das coisas, da realidade, da vida. O que faremos agora é dar um passo adiante e investigar em que medida a obra de arte torna possível uma visão do mundo em jogo na obra.

Uma obra de arte é sempre expressão de seu tempo. Por meio de um quadro de Picasso, de um livro de Machado de Assis, de uma peça musical de Villa-Lobos, temos a chance de encontrar o mundo de cada um desses artistas. Não porque eles nos falam diretamente sobre esse mundo ou porque esse mundo funcionaria como um cenário fixo no qual suas obras se mostrariam. Ao contrário, isso acontece porque é o mundo mesmo da obra que torna possível a atividade artística, uma vez que é sempre esse mundo que fala através das muitas vozes da obra.

Com isso, saímos do âmbito da estética enquanto uma tentativa de pensar o belo na arte ou o que acontece com aquele que se acha diante de uma obra de arte bela para nos movimentarmos em um campo que já se achava até certo ponto indicado na filosofia de Nietzsche. Nós nos movemos agora no âmbito de uma filosofia da arte, uma vez que a arte passa a ser considerada como o espaço de realização do espírito vivo de uma época, como chave para a compreensão da própria vida.

Bem, mas para que possamos perceber a ligação entre a obra e seu tempo, é importante ter, antes de tudo, clareza quanto ao lugar propriamente dito da obra de arte, quanto ao horizonte mesmo da atividade criadora. É isso o que faremos nesta unidade. É isso o que nos espera aqui.

Objetivos de aprendizagem:

- Compreender o sentido da noção de espírito de época e sua importância para uma filosofia da arte;
- Identificar o caráter de expressão de tudo aquilo que acontece em uma época e perceber o tom mais acentuado da arte como expressão;
- Ver a relação entre a arte e a determinação do espírito de uma época;
- Ter clareza quanto à ligação essencial entre arte clássica, elogio incondicionado da razão e pensamento moderno;
- Reconhecer os elementos de crise do mundo moderno e suas repercussões sobre a arte: crise da razão e revolução;
- Ver o mundo contemporâneo como o mundo da liberdade na arte: criação e liberdade.



Figura 1: Quadro de Eugene Delacroix – 1830: A liberdade guia o povo.

Seção 1

A arte e sua relação com o espírito de época

A noção de espírito de época é de grande importância para a filosofia da arte e para tudo aquilo que vamos ver durante esta unidade. Bem, mas o que é propriamente um espírito de época? Dito de maneira direta, um espírito de época é um nexos (um estilo) que atravessa todos os fenômenos de uma época, dando a esses fenômenos a sua unidade, melhor ainda, a sua identidade fundamental. Vejamos o que nos diz o pensador alemão Wilhelm Dilthey sobre uma tal unidade em sua obra *Introdução às ciências humanas*:

“A vida é a plenitude, a multiplicidade, a ação recíproca daquilo que é uniforme em tudo o que os indivíduos vivenciam. Segundo a sua matéria-prima, ela forma uma unidade com a história. Em todos os pontos da história há vida. E a história é constituída a partir de todos os tipos de vida nas mais diversas relações. A história é apenas a vida apreendida sob o ponto de vista do todo da humanidade, um todo que forma uma conexão” (DILTHEY, W., p. 116).

Por mais que se tenha dificuldade de entender, a princípio, a passagem do texto de Dilthey, o que ela nos diz pode ser definido em alguns elementos centrais:

1. Em todo e qualquer momento vital, nós temos uma multiplicidade, uma pluralidade de elementos. Nunca há em um mundo apenas um conjunto pequeno de características, mas uma grande quantidade de elementos. Pensemos no Brasil, por exemplo! O que é o Brasil? É certamente mais do que futebol e carnaval. É a diversidade que se experimenta nos rostos de cada parte do país, é a peculiaridade dos acentos regionais, é a diferença de mentalidades entre o interior e as capitais, entre as cidades pequenas e grandes, entre ricos e pobres, homens e mulheres.
2. Mas a vida não é só multiplicidade, diversidade. Ela é também unidade. Há uma conexão entre as muitas manifestações de uma época, de tal modo que, se pararmos para olhar bem para essas manifestações diversas, acabaremos encontrando a unidade. Por mais diferentes que sejam os brasileiros e os costumes e hábitos de nosso país, há algo aqui que nos une. Todos os fenômenos de nosso tempo compõem um único Brasil.
3. Esta unidade não é eterna, nem dada de antemão. Ao contrário, ela se constitui muito mais historicamente. É a história que vai gerando e transformando as unidades que formam o “espírito de uma época”.



Figura 2: Roda de capoeira nas ruas.



Figura 3: Tradição germânica no Sul do Brasil – Oktoberfest



Figura 4: Religiosidade mineira – Obra do mestre Ataíde – Abóboda da Igreja de São Francisco de Assis – Ouro Preto

Bem, mas qual é o lugar da arte para a determinação do espírito de uma época?

De alguma forma, tudo o que acontece é expressão de seu tempo. O modo como gesticulamos, o timbre de nossas vozes, o modo mais ou menos formal com que falamos: tudo isso fala sobre a nossa época. A arte, contudo, não é apenas uma expressão entre outras, ela possui um lugar privilegiado na determinação do espírito de uma época. Bem, mas que tal você mesmo tentar encontrar elementos na arte que falem sobre o tempo em que a obra de arte foi feita?

Identifique características de época a partir dos exemplos a seguir. Siga o modelo!

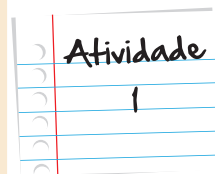


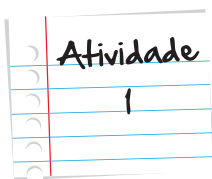
Acorda, amor
Eu tive um pesadelo agora
Sonhei que tinha gente lá fora
Batendo no portão, que aflição
Era a dura, numa muito escura viatura
Minha nossa santa criatura
Chame, chame, chame lá
Chame, chame o ladrão, chame o ladrão.

(Música de Chico Buarque de Holanda)



A música fala de maneira bem sutil da situação das pessoas no interior da ditadura militar no Brasil. O sonho descreve a situação de uma pessoa que imagina a presença de uma viatura dos órgãos de repressão, viatura essa que estaria esperando lá fora não para roubar a casa, mas para levar algum subversivo preso. Assim, sem qualquer direito enquanto cidadão, o único recurso parece ser chamar o ladrão.





- a. Identifique os elementos de crítica à televisão, o tom específico da letra e o que ela está falando sobre a juventude brasileira da década de 1980:

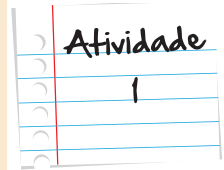


Geração coca-cola – Música do grupo Legião Urbana – 1985

Quando nascemos fomos programados
A receber o que vocês
Nos empurraram com os enlatados
Dos U.S.A., de nove às seis.
Desde pequenos nós comemos lixo
Comercial e industrial
Mas agora chegou nossa vez
Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês
Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Somos o futuro da nação
Geração Coca-Cola.



- b. Observe o quadro do pintor romântico brasileiro Vitor Meirelles. Observe-o bem e veja como ele nos fala muito sobre o modo como, na época de Meirelles, se pensava a ligação entre os brancos e os índios. Siga algumas perguntas orientadoras: respeita-se nesse quadro a identidade cultural do índio? Há traços europeus nos rostos dos índios? Músculos fortes, ares de bravura, corpos bem torneados das mulheres? Você consegue ver algum nu explícito? O que isso significa?



- c. Qual a imagem da mulher que nasce do trecho da letra de Vinícius de Moraes para a música “Samba da benção”? Essa imagem é compatível com a revolução feminina e com as conquistas da mulher no Brasil contemporâneo? O que isso nos fala sobre o tempo de Vinícius? Esse era o único modelo de mulher existente? Leia um pouco mais sobre Leila Diniz no site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Leila_Diniz.



“Samba da benção”, de Vinícius de Moraes e Baden Powell – 1968

“Uma mulher tem que ter
Qualquer coisa além de beleza
Qualquer coisa de triste
Qualquer coisa que chora
Qualquer coisa que sente saudade
Um molejo de amor machucado
Uma beleza que vem da tristeza
De se saber mulher
Feita apenas para amar
Para sofrer pelo seu amor
E pra ser só perdão.



Atividade
1



Figura: Foto famosa de Leila Diniz na década de 1960, nua e grávida – essa foto provocou grande escândalo na época.

Anote suas
respostas em
seu caderno

Seção 2

Arte, pensamento e razão – a relação entre a arte e o projeto da racionalidade moderna

Começemos com uma pequena passagem de um dos textos que inauguram a Modernidade: *O discurso do método*, de René Descartes.

“

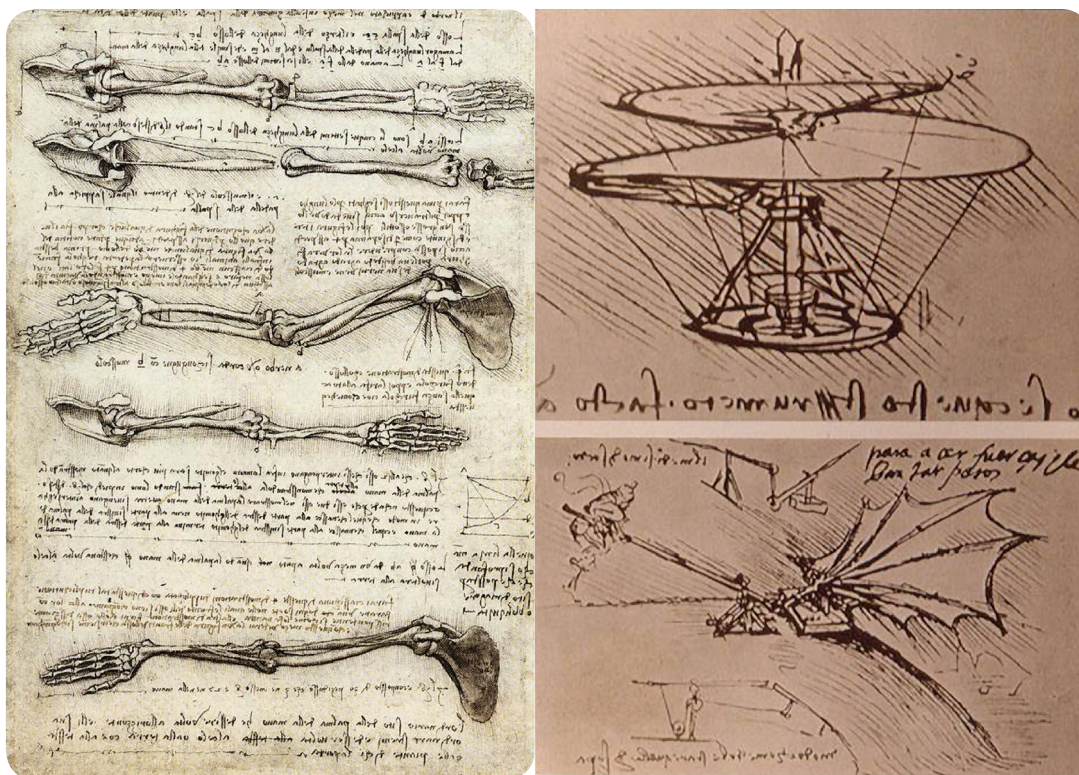
De início, procurei encontrar os princípios, ou causas primeiras, de tudo quanto existe, ou pode existir, no mundo, sem nada considerar, para tal efeito, senão Deus, que o criou, nem tirá-las de outra parte, salvo de certas sementes de verdades que existem naturalmente em nossas almas. Em seguida, examinei quais são os primeiros e os mais comuns efeitos que se podem deduzir dessas causas: e parece-me que, por aí, encontrei céus, astros, uma Terra, e também acerca da terra, água, ar, fogo, minerais e algumas outras dessas coisas que são as mais triviais de todas e as mais simples, e, conseqüentemente, as mais fáceis de conhecer. Depois, quando quis descer às que eram mais específicas, apresentaram-se-me tão variadas que não acreditei que fosse possível ao espírito humano distinguir as formas ou espécies de corpos que existem sobre a Terra, de uma infinidade de outras que poderiam nela existir, se fosse a vontade de Deus aí colocá-las, nem, por conseguinte, torná-las de nosso uso, a não ser que se busquem as causas a partir dos efeitos e que se recorra a muitas experiências específicas. Como conseqüência disso, repassando meu espírito sobre todos os objetos que alguma vez se ofereceram aos meus sentidos, atrevo-me a dizer que não observei nenhum que eu não pudesse explicar muito comodamente por meio dos princípios que encontrara (...). Afinal de contas, encontro-me agora num ponto em que me parece ver muito bem qual o meio a que se deve recorrer para realizar a maioria das que podem servir para esse efeito; mas vejo também que são tais e em tão grande número que nem as minhas mãos, nem a minha renda, ainda que eu possuísse mil vezes mais do que possuo, bastariam para todas; de maneira que, à medida que de agora em diante tiver a comodidade de realizá-las em maior ou menor número, avançarei mais ou menos no conhecimento da natureza. Fato que prometia a mim mesmo tornar conhecido, pelo tratado que escrevera, e mostrar tão claramente a utilidade que daí podia resultar para o público, que obrigaria a todos aqueles que desejam o bem dos homens, ou seja, todos aqueles que são em verdade virtuosos, e não apenas por hipocrisia, nem apenas por princípio, tanto a comunicar-me as que já tivessem realizado como a me ajudar na pesquisa das que ainda há por fazer.

”

A passagem do *Discurso do método* nos diz muitas coisas sobre o mundo moderno e sobre as pretensões específicas ao homem moderno:

1. O estabelecimento de um processo metódico de condução da investigação de todas as coisas.
2. A pretensão de que, seguindo o fio condutor do método, seria possível descobrir a verdade de todas as coisas, por mais complexas que elas possam parecer a princípio.

3. O privilégio da ciência e do conhecimento na estruturação de nossas existências e a constituição de um critério de verdade a partir da ciência, o critério de clareza e distinção.
4. A conclamação de todos os homens a participarem desse pioneiro projeto e a associação da virtude com tal participação. Bem, mas como isso se revela na arte moderna? Vejamos!



(Estudos realizados por Leonardo da Vinci sobre os ossos dos braços humanos – 1510 e Modelos de máquinas voadoras construídos por Da Vinci – 1510)

A princípio, é difícil ver os pontos de aproximação entre os estudos do corpo humano e os desenhos futuristas de Da Vinci, por um lado, e o texto cartesiano, por outro. De qualquer modo, porém, se atentarmos bem, eles são o resultado de um único e mesmo fenômeno. Por que um homem do século XVI, como Leonardo da Vinci, repentinamente começou a olhar mais detidamente para o corpo humano e a projetar máquinas estranhas como o protótipo acima de nossos helicópteros?

A resposta, por mais estranha que ela possa parecer, é: porque as pessoas pararam de olhar simplesmente para o céu e para a verdade bíblica e começaram a olhar para as coisas na terra, para a vida terrena. Dessa mudança de olhar, surge o interesse quase exclusivo pela razão humana e pelos seus potenciais, pelas descobertas científicas e pelo poder transformador de nossa racionalidade.

Bem, mas será que você consegue identificar os traços do pensamento racional no interior da arte do mundo moderno? Vamos aos nossos exercícios de explicitação!

Depois de ler atentamente os pequenos textos e de observar detidamente as imagens, assinale a resposta correta:

1.



Figura: Escola de Atenas – Rafael – 1509.

A pintura de Rafael, ícone da Modernidade, expressa a relação direta entre o Renascimento e o mundo clássico, na medida em que ele coloca em destaque todos os grandes pensadores do período áureo da filosofia grega: Heráclito, Platão, Aristóteles, entre tantos outros. A que se deve tal ligação?

Atividade
2

Atividade

2

- a. A ligação do Renascimento com o mundo grego está baseada na grande tendência dos gregos para a paixão e a festa.
- b. A pintura de Rafael segue a inspiração dos gregos, na medida em que se deixa tomar pela relação dos gregos com a natureza.
- c. A escola de Atenas funciona como o modelo para o mundo moderno, uma vez que ela nos fala sobre o poder da razão em sua busca por conhecimento.
- d. Rafael escolhe o tema sem nenhuma ligação específica com o mundo grego.

2.



A coroação de Napoleão, quadro do pintor neoclássico francês Jacques Louis David (1748-1825), impressiona pela absoluta sensação de ordem, apesar da grande quantidade de elementos. Por mais que haja muitas pessoas presentes, mulheres, soldados, membros da igreja, aristocratas, em momento nenhum parece que há algo fora do lugar, algo desordenado. Por que isso acontece?

- a. Porque o neoclassicismo, como um dos estilos mais caracteristicamente modernos, busca a perfeição formal, o controle absoluto dos elementos, como é tão característico do projeto racional moderno.

- b. Porque David era um pintor excepcional e demonstra isso pela perfeição quase fotográfica de sua pintura.
- c. Porque a desordem é ruim em toda e qualquer forma de arte. Assim, não há nada que torne o quadro especial nesse ponto.
- d. Porque David ainda estava ligado ao mundo medieval e à submissão do homem a Deus.

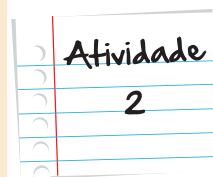


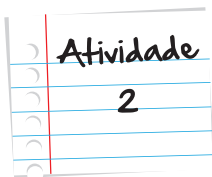
Hino à Razão – Poesia de Antero de Quental (poeta, filósofo e ensaísta português – 1842-1891).

Razão, irmã do Amor e da Justiça,
Mais uma vez escuta a minha prece.
É a voz dum coração que te apetece,
Duma alma livre só a ti submissa.
Por ti é que a poeira movediça
De astros, sóis e mundos permanece;
E é por ti que a virtude prevalece,
E a flor do heroísmo medra e viça.
Por ti, na arena trágica, as nações
buscam a liberdade entre clarões;
e os que olham o futuro e cismam, mudos
Por ti podem sofrer e não se abatem,
Mãe de filhos robustos que combatem
Tendo o teu nome escrito em seus escudos!



O poema de Antero de Quental não associa a razão apenas ao conhecimento da natureza e de suas leis, mas estende mesmo o campo da razão para o âmbito do amor, da justiça e da liberdade. Ao mesmo tempo, ele nos fala de uma razão que se apresenta em todas as coisas e que reina sobre elas. Por que essa posição é característica do mundo moderno?





- a. Porque o mundo moderno elogia sempre muito mais o sentimento do que a razão.
- b. Porque a crença na razão e na necessidade de se buscar a razão de todas as coisas é um elemento central de todos os esforços modernos em geral.
- c. Porque o mundo moderno vê a razão como conduzida pela paixão.
- d. Porque a razão não desempenha nenhum papel relevante no mundo moderno.

Anote suas
respostas em
seu caderno

Seção 3

A crise da razão e suas repercussões sobre a arte e o tempo: arte, revolução e liberdade

Mesmo no interior da modernidade sempre houve vozes dissonantes tanto quanto movimentos de resistência que desde o princípio se colocaram em confrontação constante com o predomínio da razão. Essas vozes e movimentos, porém, permaneceram, a princípio, periféricas, sem uma real possibilidade de interferência no modo de ser do todo. Essa situação altera-se radicalmente a partir da segunda metade do século XIX, momento em que uma série de movimentos revolucionários vão lentamente determinando a face propriamente dita de um novo tempo.

Começemos com um quadro de um pintor e poeta inglês muito importante, chamado William Blake. O quadro carrega o nome de um dos ícones da ciência moderna: Isaac Newton.

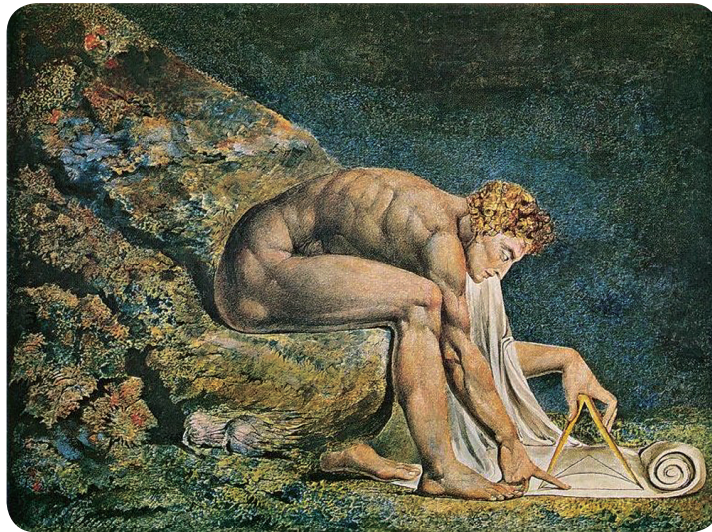


Figura: William Blake 1757-1827 – Newton.

O quadro de William Blake é bem elucidativo para que possamos entender o significado propriamente dito da noção de crise da razão. O que vemos no quadro? Isaac Newton, um dos principais representantes do pensamento científico moderno e de seu anseio por desvendar todos os mistérios da natureza, sentado nu sobre uma rocha com o corpo todo curvado. Sua atenção concentrada sobre a pequena parte da túnica branca que assume em sua ponta a forma de uma coluna grega, alusão direta à arte clássica, está em uma oposição direta à riqueza de elementos da pedra e à noite escura que parece dominar todo o resto da cena.

O que o quadro está nos dizendo? Que o corpo musculoso e forte de Newton, que sua razão matemática e suas figuras geométricas estão restritos a uma pequena parte da realidade e que o mundo é muito mais complexo do que Newton e a razão moderna podem mesmo imaginar.

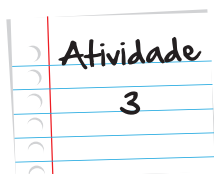
Esse quadro, caracteristicamente romântico, procura contrapor a imaginação à razão, a imensidão do universo à pretensão de controle total por parte da ciência, abrindo o espaço para que o homem perceba o caráter arrogante e inútil de suas tentativas de domínio absoluto sobre a natureza. O que começa a vir à tona aqui, portanto, é a crise da razão, crise essa que vai dominar todo o espaço do mundo contemporâneo. Bem, mas como entender a relação entre crise da razão e liberdade?

“Só o que me exalta ainda é a única palavra, liberdade. Eu a considero apropriada para manter, indefinidamente, o velho fanatismo humano. Atende, sem dúvida, à minha única aspiração legítima. Entre tantos infortúnios por nós herdados, deve-se admitir que a maior liberdade de espírito nos foi concedida. Devemos cuidar de não fazer mau uso dela. Reduzir a imaginação à servidão, fosse mesmo o caso de ganhar o que vulgarmente se chama a felicidade, é rejeitar o que haja, no fundo de si, de suprema justiça. Só a imaginação me dá contas do que pode ser, e é bastante para suspender por um instante a interdição terrível; é bastante também para que eu me entregue a ela, sem receio

de me enganar (como se fosse possível enganar-se mais ainda). Onde começa ela a ficar nociva, e onde se detém a confiança do espírito? Para o espírito, a possibilidade de errar não é, antes, a contingência do bem?”

Essa é uma passagem do *Manifesto surrealista*, texto escrito por André Breton em 1924. No texto, vemos claramente o grito de liberdade que vai acompanhar todos os movimentos de vanguarda em geral e que dão mesmo o tom de nosso tempo. Ora, mas de que liberdade o texto está nos falando? Da liberdade em relação aos padrões estéticos, ao belo, ao pensamento ordenado, à pretensão de domínio sobre a natureza, à avidez por conquistas, ao sem sentido da vida burguesa e do modo de realização da sociedade capitalista, voltada incessantemente para o acúmulo de capital e para a transformação do trabalho em mero meio de aquisição monetária.

Em contraposição a tudo isso, Breton prega a imensidão sem limite da imaginação humana, a riqueza da vida para além de todas as pretensões de um pensamento calculador, o poder transformador do erro e da entrega destemida ao desconhecido. Desse elogio surge o estilo, surge o campo de luta da existência contemporânea, com seus desafios e dilemas. Será que você é capaz de reconhecer essa situação nos exemplos a seguir?



Interprete a imagem a partir das expressões “crise da razão” e “liberdade”:



Figura: Van Gogh – Noite estrelada – 1889.

Veja o céu de Van Gogh e perceba como a luz das estrelas aponta para um fundo escuro, imenso, cheio de mistério. Depois disso, descreva a cena a partir da tensão entre razão e imaginação.

Faça um trabalho de pesquisa sobre o movimento dadaísta na arte. Depois leia o texto abaixo e escreva um pequeno comentário a partir das observações feitas em seguida ao texto:

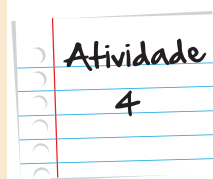
“

Dadá é uma nova tendência da arte. Percebe-se que o é porque, sendo até agora desconhecido, amanhã toda a Zurique vai falar dele. **Dadá** vem do dicionário. É bestialmente simples. Em francês quer dizer ‘cavalo de pau’. Em alemão: ‘Não me chateies, faz favor, adeus, até à próxima!’ Em romeno: ‘Certamente, claro, tem toda a razão, assim é. Sim, senhor, realmente. Já tratamos disso’. E assim por diante. Uma palavra internacional. Apenas uma palavra e uma palavra como movimento. É simplesmente bestial. Ao fazer dela uma tendência da arte, é claro que vamos arranjar complicações. Psicologia **Dadá**, literatura **Dadá**, burguesia **Dadá** e vós, excelentíssimo poeta, que sempre poetastes com palavras, mas nunca a palavra propriamente dita (...). Como conquistar a eterna bem-aventurança? Dizendo **Dadá**. Como ser célebre? Dizendo **Dadá**. Com nobre gesto e maneiras finas. Até à loucura, até perder a consciência. Como desfazer-nos de tudo o que é engraçado e dia-a-dia, de tudo o que é simpático e infatigável, de tudo o que é moralizado, animalizado, enfeitado? Dizendo **Dadá**. **Dadá** é a alma-do-mundo, **Dadá** é o Coiso, **Dadá** é o melhor sabão-de-leite-de-lírio do mundo.

”

(trecho do primeiro *Manifesto dadaísta*, escrito em 1916 por Hugo Ball).

O manifesto Dadá é uma tentativa da arte contemporânea de lutar contra a onipotência do sentido, contra a nossa obsessão por coerência, por identidade. É um elogio lúcido ao absurdo e ao caráter revolucionário do absurdo. Nesse sentido, a arte dadaísta procura dar voz à situação do mundo contemporâneo com suas guerras, com suas destruições, com seus avanços tecnológicos brutais e com a dificuldade cada vez maior de entendimento entre os homens. Até que ponto elementos do movimento dadaísta estão presentes em fenômenos como o Rock e como o movimento punk?



Síntese geral

Tivemos a oportunidade de acompanhar nesta aula a relação entre arte e espírito de época. Vejamos agora resumidamente como essa relação foi tratada aqui!

1. Nós mostramos inicialmente como as épocas são marcadas por determinações específicas e como essas determinações se confundem com o espírito da época.
2. Em seguida, trabalhamos o conceito de expressão, a fim de descrever em que medida tudo é expressão de uma época, mas a arte é uma expressão mais audível do tempo.
3. Em um terceiro momento, vimos a relação entre a arte moderna e o projeto de autonomia da razão, de controle racional da natureza.
4. Por fim, tomamos contato com o problema da crise da razão e com a liberdade que surgiu exatamente dessa crise.
5. Vamos em frente!

Veja ainda:

Como esta Unidade 6 tratou da relação entre arte e espírito de época, nada mais justo do que escolher algumas obras que concretizam de maneira evidente essa relação. Aqui seguem uma vez mais algumas dicas de leitura e de cinema. Não perca a oportunidade de ir além:

- Rubem Fonseca, *O cobrador*. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- Mario Pedrosa, *Mundo, homem, arte em crise*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- Filme: *Era uma vez na América*. Com Robert De Niro e James Woods, direção de Sérgio Leone, 1984.
- Filme: *Central do Brasil*. Com Fernanda Montenegro. Direção de Walter Sales, 1998.

Imagens



- Acervo pessoal • Andreia Villar



- http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Eugène_Delacroix_-_La_liberté_guidant_le_peuple.jpg.



- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Capoeira-in-the-street-2.jpg>.



- http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Desfile_060.jpg.



- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ataide-teto.jpg>.



- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Meirelles-primeiramissa2.jpg>.



- <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/f/fc/LeilaDiniz.jpg>.



- http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Studies_of_the_Arm_showing_the_Movements_made_by_the_Biceps.jpg/.



- http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Leonardo_da_Vinci_helicopter_and_lifting_wing.jpg



- http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Rafael_-_Escola_de_Atenas.jpg.



- http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/39/Jacques-Louis_David_006.jpg.



- <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Newton-WilliamBlake.jpg>.



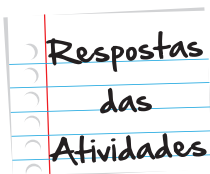
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:VanGogh-starry_night.jpg.



- <http://www.palmares.gov.br/2011/03/a-cor-da-maior-festa-popular-do-brasil/entrudo/> Autor: Pedro França.



- <http://www.sxc.hu/photo/517386> • David Hartman.



Atividade 1

A música de Renato Russo critica a cultura massificada que se propagou na televisão e na sociedade brasileira desde a década de 1960. Acostumados com os ditos “enlatados” americanos, fomos nos tornando menos críticos e mais comerciais. O lixo de todas as espécies foi sendo empurrado para uma geração algo perdida. Dessa geração, porém, é o que o texto nos diz, surgirá a reação a tudo isso. A letra é expressão das tensões da sociedade brasileira da década de 1980.

O quadro de Vitor Meirelles mostra uma clara idealização da relação entre os portugueses e os índios. A identidade cultural dos índios não é respeitada, uma vez que eles se encontram imediatamente reunidos em torno de uma cruz cristã e participam da missa. Há, ao mesmo tempo, traços europeus nos rostos dos índios, que são todos representados com corpos torneados e sem características mais comuns dos índios brasileiros. Por fim, não há nenhum nu explícito, porque a perspectiva do quadro é a do homem branco, europeu, que tem dificuldades de lidar com a nudez.

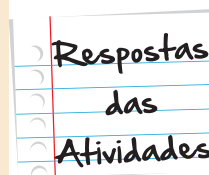
A imagem da mulher que nasce do trecho da letra de Vinícius de Moraes para a música “Samba da benção” é a de uma mulher submissa, que tem de sofrer e perdoar todas as infidelidades de seu amor. Essa imagem é incompatível com a mulher contemporânea, que conquistou um lugar de destaque na sociedade brasileira e que já se coloca em pé de igualdade com os homens em geral.

Atividade 2

- c. (Atenas é o modelo do pensamento racional. Por isso, o uso do tema por Rafael); a (Perfeição formal e controle absoluto dos elementos é um traço central do racionalismo moderno); b (Nada mais natural para o mundo contemporâneo do que o elogio da razão acima de tudo).

Atividade 3

O movimento dadaísta é um movimento de contestação da ideia de que tudo o que nos é empurrado pelo mundo prático faz sentido. Ao elogiar o absurdo e o sem sentido, ele abre as portas para um grito de libertação que pode ser ouvido ao mesmo tempo em movimentos contemporâneos como o rock e o punk. O que o rock busca, a princípio, é criar um novo estilo de vida para além da condução meramente regrada da vida. Não há como não olhar para um astro de rock mais antigo e para um punk sem sentir certo desconforto de que tudo o que é revolucionário sempre traz consigo.



O que perguntam por aí?

ENEM 2008! Questão 38:



Na obra *Entrudo*, de Jean-Baptiste Debret (1768-1848), apresentada acima:

- a. registram-se cenas da vida íntima dos senhores de engenho e suas relações com os escravos.
- b. identifica-se a presença de traços marcantes do movimento artístico denominado Cubismo.
- c. identificam-se, nas fisionomias, sentimentos de angústia e inquietações que revelam as relações conflituosas entre senhores e escravos.
- d. observa-se a composição harmoniosa e destacam-se as imagens que representam figuras humanas.

- e. constata-se que o artista utilizava a técnica do óleo sobre tela, com pinceladas breves e manchas, sem delinear as figuras ou as fisionomias.

A resposta correta é a d, pois Debret não retrata os escravos em tensão, mas, ao contrário, os apresenta em seu dia a dia, em sua convivência direta uns com os outros.





Atividade extra

Questão 1

Por meio de uma obra de da arte temos a chance de encontrar o mundo aonde a mesma foi realizada. Isso acontece porque é o mundo mesmo da obra que torna possível a atividade artística, uma vez que é sempre esse mundo que fala através das muitas vozes dessa da obra.

Baseados nesta afirmação podemos dizer que a obra de arte é:

- a. Sempre uma expressão do seu tempo.
- b. A chave para a compreensão do artista.
- c. Uma forma de compreender a própria Filosofia.
- d. A expressão humana do artista.

Questão 2

A vida é constituída de uma pluralidade de elementos. É difícil que uma descrição de algo possa dar conta da multiplicidade das faces existentes no objeto descrito. Se este objeto é o Brasil, por exemplo, descrevê-lo como um país tropical, onde há samba e futebol e muitos impostos, não é falar do Brasil como um todo.

Apesar de podermos entender a vida como esta multiplicidade, se olharmos para um época específica poderemos entendê-la também como uma unidade porque:

- a. A vida se manifesta em cada época revelando seus elementos.
- b. Os elementos da vida apresentam a mesma característica.
- c. Há uma conexão entre as muitas manifestações de uma época.
- d. A forma de ver a vida unifica todos os elementos de uma época.

Questão 3

A sociedade com seus valores, suas crenças e tecnologias é o ambiente onde estamos imersos. Tudo o que realizamos é, de algum modo, a expressão desta sociedade, deste tempo. Literatura, trabalho e arte expressam o tempo/lugar onde foram concebidos. Leia o trecho da poesia de Antero de Quental e responda a questão a seguir:

Dentro do homem existe um Deus desconhecido, não sei qual, mas existe—dizia Sócrates soletrando com os olhos da razão, à luz serena do céu da Grécia, o problema do destino humano. E Cristo com os olhos de fé lia no horizonte anuviado das visões do profeta esta outra palavra de consolação—dentro do homem está o reino dos céus. Profundo, altíssimo, acordo de dois gênios tão distantes pela pátria, pela raça, pela tradição, por todos os abismos que uma fatalidade misteriosa cavou entre os irmãos infelizes, violentamente separados, d'uma mesma família! Dos dois polos extremos da história antiga através dos mares insondáveis, através dos tempos tenebrosos, o gênio luminoso e humano das raças índicas e o gênio sombrio, mas profundo, dos povos semíticos, se enviam como primeiro mas, firme penhor da futura unidade, esta saudação fraternal, palavra de vida que o mundo esperava na angustia do seu caos—o homem é um Deus que se ignora.

(A Bíblia da Humanidade, Quental, A.)

De que forma podemos afirmar (ou negar) que este poema expressa o espírito de seu tempo (1895)?

Questão 4

O poeta Antero de Quental afirma que há um acordo entre Sócrates, filósofo grego que viveu no século V a.C. e Jesus Cristo. São “dois gênios tão distantes pela pátria, pela raça, pela tradição” que concordam que o “o homem é um Deus que se ignora”.

De que forma esta afirmação está de acordo (ou desacordo) com o quadro ISAAC NEWTON do pintor e poeta inglês William Blake (unidade 6 pag. 15).

Questão 5

O **Neoclassicismo** foi um movimento cultural nascido na Europa em meados do século XVIII, que teve larga influência na arte e cultura de todo o ocidente até meados do século XIX. Teve como base os ideais do Iluminismo e um renovado interesse pela cultura da Antiguidade clássica, advogando os princípios da moderação, equilíbrio e idealismo.

(Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Neoclassicismo>)

Pode-se afirmar que o neoclassicismo, sendo um dos estilos mais caracteristicamente modernos, busca:

- a. A perfeição formal e o controle absoluto dos elementos.
- b. Reproduzir com a máxima perfeição, as pinturas da Antiguidade.
- c. Apresentar os ideias iluministas em todas as suas obras.
- d. A perfeita harmonia entre a sua arte e a da Antiguidade clássica.

Gabarito

Questão 1

- A** **B** **C** **D**
- ☒ ☐ ☐ ☐

Questão 2

- A** **B** **C** **D**
- ☐ ☐ ☒ ☐

Questão 3

Resposta pessoal que deve estar fundamentada na seção 3: “A crise da razão e suas repercussões sobre a arte e o tempo: arte, revolução e liberdade”. Verifique e peça ao seu professor uma orientação.

Questão 4

Resposta pessoal, mas que deve considerar a postura estética de Nietzsche que critica tanto a estética objetivista clássica quanto a estética subjetivista de Kant.

Questão 5

- A** **B** **C** **D**
- ☒ ☐ ☐ ☐